

PATRIARCADO E VIOLÊNCIA EM *UMA VIDA EM SEGREDO*, DE AUTRAN DOURADO¹

Terezinha Richartz²

RESUMO: Os conceitos de identidade de gênero e de patriarcado são uma construção social e, portanto, os livros de literatura são um dos artefatos culturais mais importantes na formação das noções de feminino e masculino. Considerada por muitos como inocente, em suas narrativas, a literatura expõe personagens que representam o papel esperado que mulheres e homens desempenhem na sociedade. Uma vez que a ideologia permeia as obras literárias, o valor metafórico dos signos é recorrente. Tendo-se em vista que o gênero de quem escreve também é um elemento importante na produção textual, pois as representações estão impressas no imaginário coletivo, o objetivo deste artigo é analisar a trama que Autran Dourado constrói no romance *Uma vida em segredo*, através de uma rede de artifícios minuciosos e sutis, atentando para os conceitos de identidade de gênero e de patriarcado presentes no contexto histórico do autor. O livro retrata a anulação total da personagem principal e a necessidade de adequação aos padrões sociais para que a mulher se case e seja aceita na sociedade. No Brasil de início do século XX, muitas mulheres já estudavam e estavam inseridas no mercado de trabalho, bem como o debate sobre a cidadania feminina estava em pauta, assim, entende-se que Autran Dourado reforça no enredo da sua obra o que era esperado para a rotina de uma mulher mineira daquele período, numa sociedade ainda fortemente gendrada.

PALAVRAS CHAVE: patriarcado; relações de gênero; violência; literatura; Autran Dourado.

ABSTRACT: The concepts of gender identity and patriarchy are a social construction and therefore, the literature books are one of the most important cultural artifacts in the formation of the female and male notions. Considered by many as innocent in their narratives, literature exposes characters representing the expected role that women and men perform in society. Since the ideology permeates literary works, the metaphorical value of the signs is recurring. Having in mind that the gender of the writer is also an important element in the textual production, because the representations are printed in the collective imagination, the purpose of this article is to analyze the plot that Autran Dourado builds on the work *Uma vida em segredo*, through a network of detailed and subtle devices, paying attention to the gender identity and patriarchy present in the historical context of the author. The book portrays the total cancellation of the main character and the necessity to adapt to social standards for the woman gets married and be accepted in society. In the early 20th century Brazil, many women have studied and were inserted in the labor market as well as the debate on women's citizenship was on the agenda, so it is understood that Autran Dourado reinforces the storyline of his work what was expected for the routine of a woman from Minas Gerais of that period, in a society still strongly gendered.

KEYWORDS: patriarchy; gender relations; violence; literature; Autran Dourado.

Introdução

Quando da apresentação da versão preliminar deste trabalho em simpósio temático do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura, alguns colegas

¹ Versão preliminar do trabalho foi apresentado em Comunicação oral em Simpósio temático no VII Seminário Internacional e do XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura – Caxias do Sul R/S de 14 a 16 de setembro de 2015

² Doutora em Ciências Sociais (PUC/SP); Docente do Programa de Mestrado em Letras –Linguagem, Cultura e Discurso da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: terezinha@unincor.edu.br

questionaram a falta de perspectiva expressa na análise. Afinal é bem mais palatável expor uma obra em que a protagonista é vitoriosa no final da história ou, ao menos, no decorrer do enredo, são apontadas melhorias na sua condição. No entanto, na realidade brasileira, muitas mulheres lutam a vida inteira e morrem pobres e invisíveis sem conseguir alcançar os objetivos desejados. Essa é a herança do patriarcado, o qual será mais bem trabalhado no decorrer do presente texto.

Todo ponto de vista é a vista a partir de um ponto. A frase de Leonardo Boff (1997) retrata a importância do lugar de quem olha na compreensão das coisas. Quem olha de determinado ponto ou de um referencial teórico específico não enxerga a totalidade, mas aquilo que é possível dentro do seu campo de visão.

Da mesma forma, a noção de historicidade é elemento central na compreensão de todas as relações e dos valores sociais constituídos. O romance *Uma vida em segredo* foi escrito no início do século XX, período em que era conferido à mulher um papel insignificante na sociedade brasileira. A mulher permanecia, na maioria dos casos, restrita ao âmbito privado e a atuação pública era destinada aos homens, o que, por sua vez, aponta para a assimetria entre os sexos. À mulher da sociedade brasileira do início do século restava se ocupar do marido e dos filhos.

O autor do livro, Autran Dourado, é fruto de uma sociedade sexista e patriarcal e evidencia na sua obra os papéis tradicionais desempenhados pela mulher: o cuidado do lar, o afeto aos filhos, a obediência ao esposo e o zelo com o corpo a fim de estar bonita para o marido. Incorporando os valores sociais daquela época, o autor explorou detalhes do cotidiano feminino valorizados pelo grupo ao qual pertencia.

A obra é construída a partir do narrador e de alguns personagens do texto. O primo Conrado e sua esposa Constança, por exemplo, estão presentes na maior parte do livro falando de Biela, “apelido de Gabriela da Conceição Fernandes”, como afirma o autor (DOURADO, 1977, p. 174). Dessa perspectiva, os detalhes e o jeito de contar são elementos centrais na análise, pois denotam a compreensão de mundo de quem escreve.

No início do século XX, ampliou-se a discussão sobre a cidadania feminina e a importância da multiplicação dos espaços sociais integrados pela mulher, enquanto algumas mulheres já estavam inseridas no mercado de trabalho. Especialmente entre a primeira e a segunda guerras mundiais, houve crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho, as quais passaram a ocupar os postos dos homens que foram convocados para a luta

armada. No que diz respeito à atuação política, em 1932, a mulher “conquistou” o direito de votar e de ser votada, ampliando-se, de tal modo, os espaços de atuação feminina.

Assim, os valores disseminados pelo patriarcado, como submissão, pureza delicadeza, prendas domésticas e habilidades manuais, precisavam ser reforçados para que a dominação masculina se mantivesse. Nesse sentido, todos os artefatos culturais eram usados para corroborar os comportamentos femininos socialmente desejados. Através dos livros de literatura, as práticas discursivas se tornaram um contraponto para reforçar os estereótipos e impedir o avanço da discussão sobre a emancipação feminina, que acontecia ainda de forma incipiente naquele período.

1. A construção da personagem central

Autran Dourado fez parte da sociedade mineira patriarcal. As personagens criadas por ele foram vistas a partir da sua experiência imbuída de estereótipos de gênero. O autor relata, em *Uma vida em segredo*, o cotidiano feminino no Brasil de início do século XX. O comportamento apresentado no livro era tão próximo da realidade das mulheres do período que a personagem principal incorporou características de mulheres da família do autor. Biela foi inspirada na prima Rita de Autran Dourado.

Prima Rita foi uma personagem da minha infância, morava na casa do meu avô, uma espécie de curatela dele. Era uma figura simples e apagada de gente vinda da roça, tão insignificante na aparência, que dela tinha me esquecido de todo por quase trinta anos. [...] silenciosa presença na cozinha, pilando milho, moendo ou torrando café [...] (DOURADO, 1977, p. 173).

Em *Uma vida em segredo*, Autran Dourado afirma que sonhou com sua prima Rita e disso veio a inspiração para a criação da personagem Biela. O autor relata como cria suas obras:

Quando vem uma dessas ideias súbitas e me cristaliza no espírito, o meu primeiro impulso é imediatamente começar de vez a desenvolver no papel o germen da futura história, mergulhar na escrita. Ninguém entende, senão o criador e os psicólogos atrevidos, literatos incorrigíveis, a loucura criativa, a lógica lucidez misteriosa (DOURADO, 1977, p. 165-166).

Nessa asserção, entende-se a produção literária apenas como criatividade, inspiração e não como fruto do contexto histórico, político e social que norteia a elaboração dos enredos. No entanto, Autran Dourado fez parte da sociedade mineira patriarcal. Assim, as personagens criadas por ele foram vistas a partir da sua experiência imbuída de estereótipos de gênero.

Conceição Evaristo afirma que

Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (EVARISTO, 2005, p. 127).

Como Biela existiram outras tantas, pois o poder disciplinar produz saberes e controla os corpos de múltiplas formas, o que é viabilizado através de uma rede de artifícios minuciosos e sutis. O corpo adestrado reproduz o discurso vigente através de atitudes (FOUCAULT, 2005). A literatura não foge das malhas do poder. Espalha-se como uma rede capilar por todos os espaços sociais, uma vez que a leitura de um livro de literatura pode ser considerada despreziosa forma de lazer, sem nenhuma intencionalidade aparente. Sendo sua leitura estimulada nas escolas, cobrada em vestibulares e nas avaliações oficiais, os livros de literatura são mais um artefato na formatação dos espaços.

Independentemente da sua classe social, as mulheres reproduzem na prática cotidiana os estereótipos de gênero, sem questioná-los. A naturalização dos espaços é fruto dessa tecnologia social que imprime nos corpos e na mente o jeito “certo” de viver e de se comportar.

Foucault analisa a capacidade que o poder tem de permear todos os espaços de forma, muitas vezes, sutil. A família é uma instituição social em que o poder é articulado com todo o contorno de normalidade. Além do contrato formal que garante poderes e herança, os espaços de cada membro do grupo familiar costumam ser muito bem delimitados. Esse limite é estabelecido especialmente a partir do corpo da pessoa.

Como é apontado por Roberto Machado, trata-se de uma:

[...] mecânica de poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. [...] Poder este que intervém materialmente atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu **corpo** – e que se situa ao nível do próprio corpo social e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micropoderes ou subpoderes (MACHADO, 2006, p. 168, grifo nosso).

Além do corpo, a sexualidade é central. A repressão sexual determina, inclusive, o momento em que o indivíduo tem o direito legal de iniciar sua vida sexual. Através de um contrato firmado no casamento, o sexo se torna obrigatório, estabelecendo-se

comprometimentos e direitos. Um contrato regulamenta socialmente o que pode e não pode ser feito. Mas além daquilo que é previsto nos acordos formais, os valores culturais são decisivos na construção dos espaços.

No caso do escritor, o arcabouço ideológico influencia na escolha dos personagens e no papel que cada um desempenha. O dito e o não dito são articulados. Nesse sentido, entender os conceitos de gênero e patriarcado é central na compreensão do romance *Uma vida em segredo*.

2. Gênero e patriarcado como arcabouço teórico

As teorias feministas atribuem diferentes significados aos conceitos de gênero e de patriarcado. Para a maioria delas, a categoria gênero é mais ampla e contempla o conceito de patriarcado. Gênero diz respeito às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, o que levou as sociedades a darem educação distinta para ambos os sexos. Educação essa diferente, mas não hierarquizada. O conceito de gênero permite discutir tanto a igualdade quando a desigualdade, por isso é preferido por grande parte dos estudiosos. O patriarcado apresenta relações muito mais fixas, possibilitando o entendimento de que, apesar de tantas tentativas, inclusive jurídicas, as mulheres ainda têm dificuldades na vida pessoal e profissional.

Scott (1990) defende que gênero é um campo fundamental, no qual e por meio do qual, o poder é articulado. Gênero é uma construção social e política, vinculada, mas não determinada pela diferença sexual biológica.

Gayle Rubin (1975) define gênero como o conjunto de convenções com as quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana. Portanto, a partir do fato biológico, parte cromossômica ou composição anatômica, criou-se uma construção cultural impressionante que, desde o início dos tempos, tem se agregado a valores diferentes. Assim, durante muito tempo, as mulheres foram apenas donas do lar e viveram em função das atividades de casa, sendo excluídas do espaço público.

Para justificar o que era permitido e o que não era, argumentos foram desenvolvidos. Um desses argumentos – e que atualmente ainda faz parte dos discursos – diz respeito ao grau de inteligência da mulher. Segundo Saffioti, “na tentativa de inculcar nos seres humanos a ideologia da ‘inferioridade’ feminina, recorre-se frequentemente ao argumento de que as

mulheres são menos inteligentes que os homens” (SAFFIOTI, 1987, p. 14). Nesse sentido, ao conceituar gênero, a autora afirma que os seres humanos nascem machos ou fêmeas. Mas por meio da educação diferenciada que recebem se tornam homens e mulheres. Portanto, a identidade é socialmente construída. A identidade do indivíduo, seja ele homem ou mulher, é construída através das vivências em sociedade, através dos costumes e crenças impostas pelo grupo em que estão inseridos. A autora assevera que, apesar das diferenças, a identidade social do sujeito não é determinada pelo sexo e, sim, por meio da educação que recebe no fato social.

A sexualidade não enfatiza e não determina os espaços do homem ou da mulher. São os valores sociais que limitam o território da mulher. Essa hierarquização dos gêneros e a importância diferenciada das funções são caracterizadas como patriarcado. O patriarcado transforma as diferenças em desigualdade. O homem assumiu o poder na grande maioria dos espaços, simplesmente, por ser homem. A hierarquização, a subordinação e a opressão das mulheres caracterizam o patriarcado. O mais importante é que isso sempre se deu de uma maneira hierárquica. Todas as sociedades transformaram a diferença anatômica em desigualdade social e política.

Tal desigualdade assume também contornos de violência. Mesmo que a legislação que pune a violência contra a mulher seja posterior à produção da obra “Uma vida em segredo”, o que Biela – protagonista da obra – sofre pode ser caracterizado como violência. A opressão ou, usando o termo jurídico mais apropriado, a violência doméstica e familiar aparece de várias formas. Segundo a Lei Maria da Penha (lei nº 11.340/2006), no seu artigo 7º, as formas da violência doméstica e familiar são física, sexual, moral, psicológica e patrimonial.

Neste trabalho, são destacadas as violências psicológica e patrimonial que parecem ser as mais comuns na vida da personagem Biela. Reza a lei:

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos

econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades (BRASIL, 2010, p. 14-15).

O processo silencioso de anulação da maioria das mulheres recebe contornos de normalidade no cotidiano. Por isso a violência psicológica é muito mais sutil. Ela aparece diluída em comportamentos não considerados violentos. Quando vinculados ao patriarcado, privar e subjugar a mulher se tornam “normais”. É natural que a mulher fique restrita ao âmbito doméstico, seja subserviente ao marido, ofereça dedicação total aos filhos, não tenha desejos, sonhos e prazeres. Dedicar-se e servir exclusivamente à família, por vezes, com sua total anulação como indivíduo, não é questionado. As invisíveis sequelas daquilo que é praticado no espaço intrafamiliar com palavras, gestos e atitudes influenciam diretamente no comportamento das mulheres.

No romance *Uma vida em segredo*, depois da morte do pai, Biela fica sob responsabilidade do primo Conrado. Algumas frases revelam como a violência psicológica está presente no cotidiano da protagonista: “Se pudesse, se não o olhasse com tanto medo, se tivesse coragem de enfrenta-lo, dirigir-lhe palavras, se não se sentisse tão confusa, teria pedido para voltar à Fazenda do Fundão, o seu mundo perdido”. (DOURADO, 1977, p. 45).

A Fazenda do Fundão era sua. Mas tinha medo de enfrentar o primo que representava a autoridade do pai falecido. Se deslocava para a terra natal apenas em pensamento. “[...] para lá se voltava nos momentos de desespero, quando se sentia mais sozinha e em torno de si via o mundo de uma agressividade sem limites”. (DOURADO, 1977, p. 45).

A violência patrimonial também passa despercebida para muitos. As mulheres são consideradas menos capazes de administrar seus bens. Não raro, heranças e até salário são apropriados por familiares. Segundo a Lei Maria da Penha, a violência patrimonial também inclui restringir recursos econômicos à satisfação das necessidades básicas. Nesse caso estão contempladas as heranças e até o trabalho remunerado. Quando por tradição, porque sempre foi assim, a mulher “aceita” que seus bens sejam geridos por familiares ou trabalha de graça no lar, pois socialmente lhe foi imposto esse trabalho como sua obrigação, concretiza-se a violência patrimonial.

Separar os tipos de violência é difícil. Tal separação é feita muito mais por uma questão metodológica. Quase sempre de forma sutil – ou não – as violências estão entrelaçadas. Ao se apropriar dos bens da mulher, muitas vezes, o agressor usa do discurso para “convencer” a vítima de que aquela é a forma correta de comportamento. Em outras

situações, a violência patriarcal é tão grande que não é necessário convencimento. A vítima entrega tudo porque se acha incapaz de administrar seus bens ou recursos financeiros.

Para entender o quão fértil é o discurso da incapacidade da mulher, apropria-se aqui da noção de violência simbólica de Pierre Bourdieu (1992). O conceito é eficaz para explicar a adesão dos dominados: dominação imposta pela aceitação das regras e das sanções, pela incapacidade de conhecer as regras de direito ou morais, as práticas linguísticas e outras.

Através do conceito de violência simbólica, Bourdieu tenta desvendar os mecanismos que fazem com que os indivíduos vejam como “naturais” as representações ou as ideias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e sobre ela se apoia o exercício da autoridade. Os valores de cada grupo são vividos como se fossem os únicos possíveis. Por isso as mulheres não questionam os espaços que lhe são destinados. A influência que as estruturas sociais – neste caso, a família – têm sobre o comportamento individual se dá principalmente de dentro para fora. Através do *habitus* familiar, as mulheres incorporam um conjunto de atributos para que possam desempenhar de forma adequada a ação típica dessa posição na vida. Não existe outra possibilidade de viver como mulher. Essa postura passa a ser livre de qualquer suspeita porque está legitimada, ou seja, é portadora de um discurso universal.

Tendo em vista que a estrutura social condiciona a forma de ser, Bourdieu apresenta o conceito de *habitus*, o qual “é um operador, uma matriz de percepção e não uma identidade ou uma subjetividade fixa” (BOURDIEU, 2002, p. 83). Segundo o autor, “sendo produto da história, o *habitus* é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável” (BOURDIEU, 2002, p. 83). *Habitus*, portanto, são as atitudes que o indivíduo incorpora durante o processo de socialização, o qual norteia suas escolhas. Nesse sentido, o *habitus* funciona como matriz cultural que induz categorias sociais a fazerem suas escolhas. Apesar de não ser um esquema fixo, não muda com facilidade.

Por isso o sistema patriarcal ilumina a compreensão do *habitus* das mulheres. As atitudes femininas internalizadas pautam suas “escolhas”. Biela acha normal o primo administrar e depois se apossar dos seus bens, uma vez que isso se dava com quase todas as mulheres.

Na literatura, os papéis dos personagens são bem definidos de acordo com o *habitus* do período em que está inserido o autor da obra. O poder patriarcal, ainda muito evidente na

época de criação do livro, é retratado em *Uma vida em segredo*. As mulheres e também os homens carregam o fardo de exibir os símbolos de identificação da sua identidade para o mundo exterior, sejam esses itens de vestuário, aspectos da linguagem ou comportamentos, como é revelado na conduta dos personagens do livro abordado.

2.1. A representação dos papéis masculinos

Quando o pai de Biela morre, a personagem se muda para a cidade e passa a morar com o primo Conrado. Como homem, Conrado é nomeado o testamenteiro do pai de Biela e tutor da jovem. A herança que legalmente pertence a Biela é por ele administrada. Antes de morrer, através de um documento formal, Biela transfere ao primo todos os seus bens.

Um dia Conrado apareceu por lá com o tabelião, perguntou o que ela queria fazer com tudo o que tinha. Ela achou muito **natural**, disse o que queria. O homem escreveu num livrão, depois leu em voz alta para ela. Está aí o que eu disse, perguntou. Como o tabelião confirmasse, assinou numa letra tremida o seu nome: Gabriela da Conceição Fernandes (DOURADO, 1977, p. 160, grifo nosso).

A postura masculina é clara na obra: o primo Conrado é sério, calado, ordeiro e compenetrado. Sendo homem, tem a competência de decidir sobre os destinos da prima (DOURADO, 1977, p. 29) e, por fim, é agraciado, inclusive, com a herança da jovem.

O gerenciamento da vida é responsabilidade masculina. Os homens possuem características de mando inquestionáveis. É como se estivesse escrito no DNA que têm mais capacidade para mandar e administrar.

Seu Zico, o pai de Modesto, moço que pretendia casar-se com Biela, vai à casa da moça pedi-la formalmente em casamento, apontando para a importância do poder paterno. Representando legalmente o pai de Biela, Conrado se preocupa com o futuro da prima, por isso, entende que o noivo deve ser trabalhador. Afinal, é competência do marido manter financeira e moralmente a família.

Na obra, é utilizada a expressão “negociar”. O primo Conrado negocia o casamento de Biela, a qual, apesar de expressar literalmente que não queria se casar, é “convencida” a aceitar o casamento.

Modesto, o noivo arranjado de Biela, era considerado “secarrão, vadio e espevitado”. Com essas características, não poderia mesmo honrar a palavra do pai que negociou com

Conrado o casamento do filho. O jovem foge do compromisso e não assume o relacionamento. Como afirma o primo Conrado em certa ocasião, se o casamento dará ou não certo, “a parte que decide é o homem” (DOURADO, 1977, p. 94) e, assim, mesmo arrasada, Biela nada pode fazer.

2.2. Os *habitus* femininos

Constança representa o ideal de esposa e mãe da época. Afinal, os leitores precisam ter referências ao modelo ideal para pautarem suas vidas.

A personagem é uma mulher bonita, bem apessoada, que usa vestidos vaporosos brancos e bordados, como os de uma princesa. Constança pisa mansinho, é prendada e tenta ensinar Biela a bordar. Preocupa-se em comprar tecidos finos para vestir-se e vestir Biela. No enredo, quando percebe “um clima diferente” entre Biela e Modesto, trata logo de articular o noivado, afinal, as mulheres deviam se casar. Na ausência da mãe de Biela, Constança assume a função de orientar a jovem sobre como era o casamento, o comportamento da mulher e sua postura em relação ao esposo e à sociedade.

Biela – a personagem central da obra – é o retrato da anulação que sofrem muitas mulheres pelo simples fato de terem nascido mulheres. Depois da morte do pai, a personagem Biela deixa o campo e vai morar na cidade com o primo Conrado, testamenteiro do pai e tutor de Biela. Quando chega à casa dos parentes, a moça parece um bicho do mato: com seu olhar assustado e medroso procura onde se acomodar. A expressão “pancada” (meio sem juízo) é empregada diversas vezes pelas pessoas próximas a Biela. Os primos cogitam até interná-la em Barbacena, no hospital de loucos, se não houver melhora. Mas como é mansa e inofensiva, não se torna necessário.

De personalidade frágil e caráter submisso, se deixa levar pelas circunstâncias, sem impor um jeito de viver. Apesar de rica, não consegue se casar, já que modesto – o noivo arranjado – foge antes do casamento sem dar explicações.

A riqueza é uma característica importante para os homens. Como responsáveis por prover financeiramente o lar, herdar riquezas é um diferencial. Para as mulheres, nem sempre isso se dá da mesma forma. Até mesmo porque quem detém o poder econômico, nas sociedades capitalistas, quase sempre detém o poder de mando. Como mandar não é uma

característica desejada nas mulheres, a riqueza pode ser mais um empecilho para o casamento, uma vez que o homem não quer ser submisso.

Quanto aos predicados femininos, Biela passa longe do padrão. Sem ter habilidades para atividades manuais e sendo desajeitada, recebe aulas de Constança para aprender a bordar, mas não obtém sucesso. O autor retrata a situação da personagem: “nunca aprenderia a bordar direito, como nunca aprenderia a mexer com faca e garfo juntos” (DOURADO, 1977, p. 49).

Destoando do modelo de beleza da época, torna-se difícil para Biela arrumar pretendentes. A ausência dos atributos físicos femininos tão valorizados naquele período também é comentada pelo autor: “nenhuma graça, nenhum ritmo macio, nenhuma leveza, nada que revelasse naquele corpo uma alma feminina” (DOURADO, 1977, p. 56).

Mesmo com o empenho de Constança para vestir Biela com tecidos finos, de nada adianta. A jovem “continuou a mesma, se não pior. Se antes era uma figura pobre, miúda no seu parecer, agora tinha o aspecto grotesco de um sagui vestido de veludo, todo cheio de guizos” (DOURADO, 1977, p. 14).

No entanto, ainda que não possuísse a beleza e as habilidades manuais desejadas, muitas outras características femininas eram visíveis no comportamento da personagem. A educação gendrada que recebera não foi em vão. “Prima Biela não ficou, porém, uma alma seca, não era uma lama seca. Havia muita ternura, escondida, muito amor poupado, muito carinho que humildemente procurava repartir nas prosas miúdas da cozinha [...]” (DOURADO, 1977, p. 69). Em outro trecho do livro, o narrador afirma que todos na cidade achavam Biela uma moça “boazinha, roceira, sotrancona”. Tão prestativa, tão simplesinha, de alma boa. (DOURADO, 1977, p. 75). A personalidade frágil fez com que até o povo da cidade tratasse Biela como um filho bobo ou um irmão surdo (DOURADO, 1977, p. 76).

Depois que o noivo foge desistindo do casamento, o autor apresenta uma guinada na vida da personagem. Apesar de sinalizar para uma pontinha de autonomia – pois Biela rasga as roupas chiques que havia ganhado, opta por morar sozinha numa casa nos fundos da residência do primo, adota um cachorro, trabalha nas cozinhas das madames da cidade sem receber formalmente nenhum tipo de remuneração –, uma análise mais minuciosa mostrar o inverso dessa situação. Excluída das convenções sociais porque não casou e não se tornou mãe, Biela se isola do circuito social da época.

Nesse sentido, o texto retrata a importância da adequação aos padrões culturais da época para que a mulher seja aceita. As outras dimensões da vida, como prazer sexual e realização pessoal passam despercebidas pela narrativa do autor. O controle da sexualidade é tão forte que o desejo sexual é anulado. Como o lugar que naturalmente é destinado à mulher não foi ocupado, Biela se torna insignificante socialmente e passa a viver no anonimato até sua morte.

Conclusão

Como artefato cultural, a literatura penetra na mente das leitoras. Aparentemente desprezioso, o discurso literário cumpre o papel de destacar minúcias do cotidiano dos personagens, servindo como espelho e reforço daquilo que já é, de alguma forma, vivenciado por muitas mulheres. O micro poder é viabilizado através de uma teia minuciosamente articulada. O corpo adestrado reproduz o discurso vigente através de atitudes cotidianas.

A violência psicológica e patrimonial, considerada normal no período em que a obra foi escrita, fica evidente no decorrer do enredo. Biela não usufrui dos bens herdados e morre na miséria. A violência corporificada em micropoderes pode ser percebida através de pequenos, mas constantes cerceamentos que transformam a protagonista. Através da violência simbólica, a personagem principal incorpora o *habitus* de gênero, se anula e vive parte significativa da sua vida em função da vontade dos outros ou do que esperam dela.

Através do enredo do romance *Uma vida em segredo*, Autran Dourado reforça os *habitus* típicos do início do século XX no Brasil. No livro, a invisibilidade é uma característica feminina valorizada. Mas o marido gosta de uma mulher bonita, vistosa dentro de casa, para estar a serviço da sua satisfação.

Além de ser desengonçada e sem graça, Biela não incorpora os atributos femininos valorizados na época. A personagem serve para mostrar às meninas leitoras que a aparência e os predicados femininos domésticos devem ser valorizados. Para “conquistar” o casamento, maior valor social atribuído às mulheres daquele período, uma jovem precisava possuir determinadas características.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: a metáfora da condição humana*. 40ª Ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997.
- BORDIEU, Pierre. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *Entrevistado por Maria Andréa de Loyola*. Rio de Janeiro: Ed. EDUERJ, 2002.
- BRASIL. *Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.
- DOURADO, Autran. *Uma vida em segredos*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 1977.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Ed. Mazza Edições, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 30ª Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.
- RUBIN, Gayle. *The traffic in women: notes on the political economy of sex - Toward an Antropology of Women*. Nueva York: Ed. Monthly Review Press, 1975.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Ed. Moderna, 2001.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-12, jul/dez 1990.

Artigo recebido em janeiro de 2016.

Artigo aceito em maio de 2016.